

**CULTURA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO
NO NORDESTE INDÍGENA
OS FULNI-Ô**

Peter Schröder (org.)

Editora
Universitária  UFPE

**Recife
2012**

Na internet:
www.ufpe.br/ppga
www.ufpe.br/nepe

Créditos

Revisor: o autor
Capa: João Dionísio
Projeto Gráfico: EdUFPE

Editora associada à



Catálogo na fonte:
Biblioteca Kyria de Albuquerque Macedo, CRB4-1693

C968	Cultura, identidade e território no Nordeste indígena : os Fulni-ô / Peter Schröder (organizador). - Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2011. 262 p. : il., tab. Vários autores. Inclui bibliografia e anexos. ISBN 978-85-415-0022-7 (broch.) 1. Índios da América do Sul – Brasil, Nordeste. 2. Índios Fulnió - Pernambuco. 3. Índios – Identidade étnica. 4. Cultura. 5. Territorialidade humana. I. Schröder, Peter (org.).	
980.41	CDD (22.ed.)	UFPE(BC2012-001)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

Sumário

Introdução Peter Schröder	3
Terra e território Fulni-ô: Uma história inacabada Peter Schröder	15
Resistência e segredo: Relato de uma experiência de antropólogo com os Fulni-ô Miguel Foti	63
A memória Fulni-ô tecendo o campo territorial Eliana Gomes Quirino	89
Identidade étnica e reciprocidade entre os Fulni-ô de Pernambuco Wilke Torres de Melo	121
Aspectos da organização econômica nas relações de pressão e estratégias de sobrevivência Carla Siqueira Campos	143
Distribuição da terra, renda familiar e uso dos recursos produtivos: O caso Fulni-ô Áurea Fabiana A. de Albuquerque Gerum & Werner Doppler	165
Sagrado canto Fulni-ô: Por uma causa, uma história, um pertencer Sérgio Neves Dantas	187
Bibliografia Fulni-ô: Um levantamento crítico Peter Schröder	207

Anexos	233
(1) Alvará Régio de 23 de novembro de 1700	
(2) Carta Régia de 22 de maio de 1703	
(3) Carta Régia de 05 de junho de 1705	
(4) Documentos relativos à ‘doação’ de 1832	
(5) Decreto nº 637 de 20 de julho de 1928	
(6) “Termos de cessão” de 20 de setembro de 1928	
Bibliografia	247
Os autores	261

Introdução

Peter Schröder

É fácil escrever alguma coisa sobre os Fulni-ô. Aparentemente. Basta folhear as páginas da “Bibliografia Fulni-ô” no final desta coletânea para ter uma impressão imediata de que já foram produzidos muitos textos sobre os mais diversos aspectos de cultura, história, política e sociedade desse povo indígena. Então, não é novidade e muito original escrever *alguma coisa* sobre os Fulni-ô.

É difícil escrever sobre os Fulni-ô. Esta declaração não só se refere à política de diversos segredos culturais e linguísticos praticada pelos Fulni-ô, uma verdadeira barreira bastante eficiente para impedir conhecer muitos aspectos da vida indígena em Águas Belas, no Agreste pernambucano. Ela também se refere a diversas estratégias de contestação de escritos e falas sobre os Fulni-ô, especialmente quando os autores são antropólogos, porém outros cientistas podem ser alvos da mesma maneira. Falando metaforicamente, para cientistas às vezes se recomenda colocar cada palavra escrita num tipo de balança de precisão para não azedar as relações com os anfitriões indígenas.

Já passaram várias décadas que os povos indígenas não são mais percebidos como contribuintes passivos a textos científicos. Eles se transformaram muitas vezes em leitores críticos destes textos, especialmente os antropológicos, e também produzem seus próprios cientistas sociais, como demonstra o artigo de Wilke Torres de Melo nesta coletânea. Os leitores críticos entre os Fulni-ô não representam, nesse contexto, nenhuma grande exceção da regra geral. Mesmo assim, é difícil negar que uma imagem sobre os Fulni-ô bastante comum entre especialistas em povos indígenas é a de ser contestadores categóricos de tudo o

que é falado e escrito sobre eles por não Fulni-ô. Este imaginário até serviu de objeto para reflexões antropológicas como em dois textos de Miguel Foti (1991, 2000). Por que, então, publicar um livro sobre um povo indígena que goza da fama de não gostar muito de ser estudado por antropólogos?

Há diversos motivos que poderiam ser citados a favor de publicar um livro sobre os Fulni-ô, fora suas peculiaridades culturais já citadas em numerosos textos. O principal para esta coletânea é: os trabalhos resultantes de pesquisas tanto sobre os Fulni-ô quanto sobre outros povos indígenas em Pernambuco e outros estados do Nordeste encontram-se muitas vezes dispersos, e o acesso a eles pode ser difícil até para cientistas especializados, para já não falar de indígenas morando em aldeias. Para os próprios povos indígenas estudados, e não só para cientistas e o público geral, livros como este podem representar uma forma de prestação de contas acadêmica e, além disso, uma fonte de ideias para debates sobre o presente e o futuro do próprio grupo. No entanto, há outro motivo importante para esta coletânea: tentar reverter a perpetuação de uma imagem negativa do trabalho antropológico entre uma parcela significativa dos Fulni-ô devido à famigerada monografia de Estevão Pinto, citada mais abaixo, por mostrar que a antropologia não é sinônimo de indiscrição e revelação de segredos culturais.

A ideia de publicar coletâneas sobre povos indígenas em Pernambuco surgiu em 2008 no âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade (NEPE) por sugestão do professor Renato Athias, líder do grupo de pesquisas. Fora este livro, está prevista a publicação de coletâneas sobre os Xukuru e os Pankaruru.

Para esta coletânea foram convidados, em 2008, 20 pesquisadores com trabalhos publicados sobre os Fulni-ô nas duas décadas passadas: antropólogos, sociólogos, linguistas, biólogos e agrônomos. Os critérios de seleção foram a bibliografia disponível e a Plataforma Lattes. Doze colegas enviaram respostas positivas aos convites, porém apenas sete apresentaram de fato textos a serem publicados. Desse modo, seria atrevido e injusto afirmar que o conjunto dos textos desta coletânea representa o estado da arte do que cientistas publicaram sobre os Fulni-ô. Faltam, por exemplo, artigos com temas linguísticos, biológicos e médicos. Esta situação obriga pensar em planejar uma segunda coletânea para incluir os trabalhos de colegas que não conseguiram encaminhar seus

textos e, ao mesmo tempo, oferecer uma heterogeneidade temática ainda maior.

O que se sabe sobre os Fulni-ô?

O número de trabalhos que informam de alguma maneira sobre os Fulni-ô é relativamente grande, porém a quantidade não deveria enganar, como a maior parte da bibliografia contém apenas referências e notas pequenas incluídas em trabalhos mais amplos.

A principal obra de referência, cuja citação se tornou quase obrigatória, é a etnografia ‘clássica’ de Estevão Pinto (1956). Até agora não foi produzida outra etnografia de alcance comparável. Trata-se, porém, de uma obra bastante controvertida, como, por um lado, ela não representa nenhuma fonte muito confiável e, por outro lado, provocou rejeições por uma parte dos Fulni-ô que viram nele revelados alguns segredos culturais. As reações ao livro de Pinto são muito interessantes. Embora pareça haver uma quase unanimidade entre os Fulni-ô de condenar Pinto pela falta de respeito e sensibilidade cultural, ele pode ser citado como fonte ‘importante’ por motivos políticos estratégicos, por exemplo quando está em jogo manifestar reivindicações territoriais com base no croqui na página 68 do livro, que representa referências ao território histórico, como aconteceu durante uma reunião com uma parte da comunidade indígena em 10/04/2003 em Águas Belas, no contexto do processo de identificação da terra indígena.

Os vieses teóricos de Estevão Pinto até se tornaram tema de uma dissertação de mestrado (Rocha 1992), porém sua obra nunca foi objeto de um debate mais amplo e acirrado sobre princípios éticos do trabalho antropológico como foram, por exemplo, os textos e filmes de Napoleon Chagnon sobre os Yanomami (Borofsky et al. 2005). Podem ser citados diversas razões por que as repercussões não alcançaram o mesmo nível, mas essas talvez sejam menos interessantes para os objetivos desta coletânea do que o fato de que a monografia de Pinto gerou entre muitos Fulni-ô uma imagem bastante negativa da antropologia como ofício de pessoas curiosas demais que se interessam por muitos detalhes que não deveriam ser revelados ou, numa linguagem popular, ‘que metem o nariz

onde não devem'. Será que o trabalho antropológico gozaria de uma fama mais positiva entre os Fulni-ô se não fosse a obra de Estevão Pinto?

Entre os autores antigos destacam-se o linguísta Max Boudin (1949) e, em particular, o jornalista Mário Melo, que, em 1928, publicou uma série de artigos no *Diário de Pernambuco*, depois reunidos em um único artigo na *Revista do Museu Paulista* (1929) e na *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano* (1930).

Entre os trabalhos mais recentes merecem ser mencionadas as dissertações de mestrado de Jorge Hernández Díaz (1983), Miguel Foti (1991), Carla Siqueira Campos (2006) e Eliana Gomes Quirino (2006). Hernández Díaz e Foti informam principalmente sobre as condições contemporâneas em que se desenvolve o ritual principal dos Fulni-ô, enquanto o estudo de Carla Siqueira Campos dá um enfoque raro em trabalhos etnológicos sobre os indígenas no Nordeste: economia e meio ambiente. Entre as poucas monografias de caráter histórico e etno-histórico destaca-se a dissertação de mestrado de Sidnei Clemente Peres (1992) sobre a prática de arrendamento de terras tratada mais adiante.

A maioria das informações sobre a língua dos Fulni-ô encontra-se nos trabalhos de Costa (1993, 1999), Lapenda (1968), Meland (1968) e Meland & Meland (1967, 1968).

Etnônimos

O nome Fulni-ô, ou melhor, uma corruptela deste nome (“Förnïö”), aparece na literatura pela primeira vez no último quartel do século XIX (Branner, 1887). Até meados do século XX, os Fulni-ô eram oficialmente mais conhecidos como Carnijó(s) ou Carijó(s). É com estes nomes que eles são mencionados nas fontes históricas desde o século XVII, enquanto hoje em dia são conhecidos apenas como Fulni-ô.

Sobre a origem e o possível significado dos etnônimos Carnijó e Carijó já foram levantadas diversas hipóteses e especulações sem chegar a nenhuma conclusão definitiva. Alguns autores, como Mário Melo ou Estevão Pinto, os interpretam como sendo de origem tupi, porém com etimologias divergentes¹. Em outros contextos regionais, Carijó era uma

¹ Por exemplo, Melo: “**Carijó** é palavra tupi, corruptela de **cari-ió**, descendente de branco, o que tem sangue europeu; **carnijó** parece, diz T. Sampaio, corrupção [sic]

designação genérica, significando “grupo capaz de compreender a língua geral”, “índio trabalhador”, “índio domesticado/ mestiço/ manso/ falante de tupi ou português”, em oposição aos índios dos sertões ou não subjugados ao regime colonial (Santos 2003:77-8). Se, no caso dos Fulni-ô, Carijó ou Carnijó fosse uma designação genérica, como em Minas Gerais do século XVIII, isto não explicaria, por que tão-somente os indígenas da região de Águas Belas foram assim denominados, e não outros aldeados nos sertões nordestinos.

Enquanto as origens e significados exatos dessas denominações continuam desconhecidos, há certeza de que não se trata de autodenominações, o que já foi informado numa tradução de um artigo de John Branner do último quartel do século XIX². Isto, porém, não nos devia causar surpresa, como bem explicou Eduardo Viveiros de Castro (1996: 122):

Não é tampouco por acaso que a maioria dos etnônimos ameríndios que passaram à literatura não são autodesignações, mas nomes (freqüentemente pejorativos) conferidos por outros povos: a objetivação etnonímica incide primordialmente sobre os outros, não sobre quem está na posição de sujeito. Os etnônimos são nomes de terceiros, pertencem à categoria do “eles”, não à categoria do “nós” [...].

Fulni-ô é a autodenominação étnica atual usada por todos os Fulni-ô. Seu significado nos foi explicado por Marilena Araújo de Sá como sendo uma corruptela, produzida pelos brancos, de *fuliido*³ [fu'li:do]⁴, com

de **cará-ñi-ió**, o cará se arranca, onde se colhe o cará.” (1930:182, nota 3; grifos no original). Ou Pinto: “Em suma, *Carijó* ou *Carnijó* era apenas o nome dado, talvez, pelos Tupi à tribo dos Fulniô, a exemplo da designação de ‘Kereryjou’ aplicada aos ‘Ocioneciou’.” (1956:65; grifos no original)

² “Os brasileiros em Aguas-Bellas chamam Carnijós a esses índios; mas elles se apelidam a si proprios, em sua lingua, *Förnöö*, ou *Iacotóa*, para se distinguirem das outras gentes.” (Branner 1923 [1887]:364)

³ Como ainda não há nenhuma grafia consensual e oficialmente padronizada da língua Fulni-ô, usa-se neste texto a grafia aplicada no ensino bilíngue da Aldeia urbana. Este alfabeto foi criado pela professora Marilena Araújo de Sá, orientada por Adair Palácio, do Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI), da UFPE.

fuli ‘rio’ e *ido* ‘beira, margem’. Fulni-ô, ou Fuliido, então, significa ‘beira do rio’ ou ‘da beira do rio’, o que reafirma uma interpretação anterior de Pinto (1956:62-3). A explicação da professora não foi contestada na época (2003) por outros informantes indígenas. Desse modo, a auto-denominação pode ser interpretada no sentido de remeter a alguma relação tradicional com um ambiente fluvial, o que na região só pode ser o rio Ipanema.

Língua

No Nordeste brasileiro, excluindo o Maranhão, os Fulni-ô são o único povo indígena que ainda fala uma língua indígena. Os Fulni-ô chamam sua língua *Yaathe* [ya:'t^he] ‘nossa boca, nossa fala’. Hoje em dia, o *Yaathe* é classificado como pertencente ao tronco Macro-Jê, segundo o modelo do linguísta Aryon Dall’Igna Rodrigues (1986), porém sem inseri-lo em nenhuma das famílias do tronco. Especulações antigas sobre um parentesco genealógico com a língua Cariri já podiam ser refutadas nos anos 50 do século passado (Pinto 1956:70-81).

A sobrevivência extraordinária do *Yaathe* pode ser explicada por sua função decisiva no ritual do Ouricuri e na construção das fronteiras étnicas. A religião étnica, por exemplo, depende essencialmente do uso da língua indígena, que também representa um meio de iniciação a ela.

É difícil avaliar o número atual de falantes ativos e passivos, como até agora o único levantamento sistemático sobre o bilinguismo entre os Fulni-ô foi realizado por Costa (1993), a qual chegou, naquela data, às conclusões seguintes:

- (1) O bilinguismo Fulni-ô estende-se, de modo geral, por 91,4% da população e caracteriza-se por ser mais ativo do que passivo e por ser assimétrico em direção ao português.
- (2) Ele começa, em parte, pelo monolingüismo em português, que se transforma, com o tempo, em bilingüismo passivo e avança, finalmente, em direção ao bilingüismo ativo.
- (3) Há dois tipos de aquisição do bilingüismo: um chamado “precoce” pela autora, caracterizado pela aquisição do *Yaathe* simultaneamente

⁴ Para indicar a pronúncia das palavras em *Yaathe* neste texto é usado o alfabeto fonético.

ao português, no período de 1 a 5 anos de idade; e outro batizado “social”, característico de famílias de melhor situação econômica e mais intensa integração cultural na sociedade envolvente, sendo que as crianças falam primeiro o português, mas depois aprendem o Yaa-the para poder cumprir funções sociais e religiosas na comunidade.

- (4) A situação atual do bilinguismo parece ser estável, porém as duas línguas ocupam posições hierárquicas: o português funciona como língua de maior prestígio social e é utilizada em relações formais e interétnicas, enquanto o Yaa-the tem menor prestígio social e é mais usada em relações informais.

Cultura

A cultura Fulni-ô é muito peculiar até no contexto do Nordeste indígena. Há uma série de características culturais compartilhadas com outros povos indígenas no Nordeste, mas percebe-se diferenças fundamentais principalmente na religião e organização social e política.

Costa (1999:6) caracteriza a cultura Fulni-ô como hermética e, com isto, refere-se ao fato de que os Fulni-ô construíram um segredo quase impenetrável em torno de vários domínios de sua cultura. Isto significa concretamente que é praticamente impossível para não-Fulni-ô receber informações sobre a religião étnica, a organização social e diversos aspectos da organização política. Perguntas ingênuas ou curiosas sobre assuntos sujeitos aos diversos segredos muitas vezes são bloqueadas pela referência a regras de que não se pode revelar nada.

As informações mais citadas sobre a organização social são da etnografia de Estevão Pinto (1956:116-32). Segundo este autor, a sociedade Fulni-ô está dividida em cinco clãs patrilineares, exogâmicos e hierarquizados, identificados, com uma exceção, por nomes de animais. A residência pós-nupcial seria matrilocal, enquanto os nomes seriam transmitidos em linha paterna. A hierarquização, legitimada por mitos de origem, se manifestaria em relações de respeito e prescrições matrimoniais, enquanto não dispomos de informações como o sistema clânico influencia e estrutura a organização política. As informações de Pinto, no entanto, são contestadas por muitos Fulni-ô alfabetizados, alegando que não representariam a situação verdadeira. De fato, Pinto nem indicou suas fontes de informação nem revelou os procedimentos metodológicos

relativos a essa parte de sua pesquisa. Desse modo, até hoje não temos informações detalhadas e confiáveis sobre a organização social.

A situação é um pouco melhor com relação à organização política. As funções políticas tradicionais mais altas na sociedade Fulni-ô são as do cacique e do pajé, representantes oficiais nos contatos políticos com a sociedade envolvente. Os dois cargos, que são vitalícios, são ocupados por candidatos eleitos no lugar do Ouricuri sem que se tenha notícia detalhada como ocorre e funciona o processo de seleção. Os papéis tradicionais do cacique e do pajé como líderes político e religioso, respectivamente, começaram ser contestados, a partir dos anos 90, por facções oposicionistas e insatisfeitas com a situação econômica e territorial. O faccionalismo Fulni-ô foi bem analisado no relatório de Fialho & Secundino (1999).

A religião étnica é o domínio em torno do qual os segredos são guardados com maior ênfase. Todas as informações veiculadas na literatura sobre o que se realiza dentro do lugar do Ouricuri remontam basicamente ao relato de Pinto (1956:145-67). Este, no entanto, é veementemente contestado por muitos Fulni-ô, embora não se sabe exatamente se o motivo é a revelação de informações verdadeiras ou o simples fato de ter publicado um texto sobre um assunto proibido aos brancos.

As origens da cultura Fulni-ô e sua relação com as de outros povos indígenas já foram assunto de diversas especulações e hipóteses não comprovadas até agora. Por exemplo, Melo (1929) considerou os Fulni-ô como os últimos representantes dos Cariri históricos, mas esta hipótese podia ser refutada com base em comparações linguísticas (Pompeu Sobrinho 1935:32; Pinto 1956:249). Há diversos indícios de que os Fulni-ô contemporâneos são descendentes de vários grupos étnicos aldeados na época colonial. A etnogênese dos Fulni-ô, no entanto, só pode ser compreendida no contexto histórico da formação de seu território, o que nos leva a uma apresentação resumida dos textos desta coletânea, o que nos leva à apresentação resumida dos artigos desta coletânea.

Os artigos desta coletânea

O primeiro artigo é uma reconstrução resumida da história territorial Fulni-ô, na qual a distinção entre um conceito jurídico (terra) e cultural e social (território) permite lançar uma luz sobre as transformações territoriais sofridas em mais de três séculos e meio. A aplicação do conceito de territorialização proposto e usado por João Pacheco de Oliveira e grande parte de seus discípulos, ao estudar questões relacionadas com terra no Nordeste indígena, ajuda a entender como, no decorrer dos tempos, o território indígena passou por diversas diminuições pela imposição de limites, os quais nunca têm coincidido com o espaço culturalmente apropriado e definido para a reprodução física, social e cultural dos Fulni-ô. Ou seja, é uma história de perdas. Mas é uma história inacabada, como não foi falada a última palavra sobre a terra indígena, a qual se encontra em processo de regularização, talvez definitiva, podendo dar uma virada promissora nos processos de territorialização que tanto transformaram a sociedade Fulni-ô.

O belo texto de Miguel Foti é uma reflexão sobre uma experiência antropológica que focaliza questões como identidade, segredos culturais e os significados destes para a atualização das formas de resistência cultural e social Fulni-ô. Trata-se, na realidade, de uma parte modificada de sua dissertação de mestrado, defendida na UnB 1991, porém nunca publicada. Poder apresentar o artigo nesta coletânea foi aceito com muito prazer, como a sensibilidade do autor ao relatar suas impressões e observações aproxima o texto àquilo que Clifford Geertz (1989) denominou uma descrição densa, apesar de este nunca ter revelado qual seria o procedimento para realizá-la. Miguel Foti conseguiu colocar em prática o que em numerosos trabalhos acadêmicos apenas aparece como pretensões declaradas porém não cumpridas.

Os dois artigos seguintes também tratam de questões de identidade étnica, mas com abordagens e enfoques diferentes. O texto de Eliana Quirino é resultado de sua dissertação defendida na UFRN em 2006 e das pesquisas realizadas para o relatório técnico de identificação e delimitação da TI Fulni-ô. A autora analisa questões relativas à história territorial dos Fulni-ô enfocando diversos temas da memória indígena como, por exemplo, a participação traumática na Guerra do Paraguai ou a

figura histórica do Padre Dâmaso. O artigo de Wilke Torres de Melo, por sua vez, aborda o tema da identidade étnica por meio de uma expressão nativa, *Safenkia Fotheke*, a qual se refere a princípios de união, respeito e reciprocidade, como sintetização de unidade grupal. Este texto representa um autêntico ‘ponto de vista do nativo’ no sentido seguinte: Wilke é Fulni-ô e sociólogo formado na UFRPE. Foi muito interessante notar como ele explicou, numa entrevista concedida a duas alunas do Curso de Ciências Sociais (Amanda Albuquerque Bezerra e Tainã Ramos Leal) em final de 2009, que a opção pela sociologia como área das ciências sociais foi influenciada pela imagem da antropologia entre os Fulni-ô. No próprio artigo, no entanto, o embasamento teórico e a linha argumentativa são antropológicos.

Depois dos textos sobre história territorial e etnicidade seguem dois outros que tratam de questões bastante pragmáticas relacionadas com atividades econômicas, especialmente aquelas praticadas dentro dos limites da atual terra indígena. O artigo de Carla Siqueira Campos, também baseado numa dissertação de mestrado, defendida no PPGA/UFPE em 2006, focaliza práticas econômicas indígenas no contexto de pressões ambientais (naturais e sociais) e como estratégias de sobrevivência. O texto não é apenas interessante no âmbito da totalidade de estudos antropológicos sobre os povos indígenas no Nordeste, onde predominam trabalhos voltados para temas como etnicidade, etnogênese, ritual e religião, mas também como uma eventual contribuição a discussões em Águas Belas sobre opções econômicas dentro dos limites futuros da terra indígena. O artigo de Áurea Albuquerque e Werner Doppler, de caráter agrônomo, problematiza questões como distribuição da terra, renda familiar e uso de recursos produtivos, mostrando que, em comparação com a situação em outras terras indígenas, as dificuldades de sobrevivência econômica na TI Fulni-ô não podem ser unilateralmente atribuídas a fatores ambientais (baixa produtividade dos solos, p.ex.) ou demográficos, mas é necessário também levar em conta diversos fatores sociais que influenciam na produtividade agrícola. Apesar de a argumentação técnica talvez não ser acessível para a grande maioria dos Fulni-ô, o texto certamente é de suma importância para pensar, e eventualmente planejar, o futuro das práticas agrícolas nos limites da terra indígena.

Embora o texto de Sérgio Dantas, do ponto de vista estilístico, seja mais próximo do de Miguel Foti, ele foi colocado na parte final como

um tipo de parêntese que fecha a gama temática da coletânea, retomando o tema identidade, porém do ponto de vista das expressões artísticas manifestadas na musicalidade sagrada. É um belo texto que mostra como é possível escrever reflexões sobre assuntos culturalmente sensíveis sem infringir e revelar os segredos tão valorizados, ou seja, o contrário do livro de Estevão Pinto.

No final do livro pode ser consultada uma bibliografia crítica como tentativa, provisória como qualquer bibliografia deste tipo, de apresentar o que já foi escrito sobre os Fulni-ô, e nos anexos podem ser lidos alguns documentos históricos importantes referentes à terra indígena, os quais, contudo, representam apenas uma parcela ínfima da documentação histórica existente sobre os Fulni-ô.

Observações finais

Antes da revisão final, os artigos desta coletânea foram enviados por e-mail a Marilena Araújo de Sá e Wilke Torres de Melo para que os Fulni-ô residentes em Águas Belas, ou eventualmente em outros lugares, tivessem conhecimento dos textos a serem publicados e para que fosse possível debater seus conteúdos e até apresentar sugestões para modificações, as quais, no entanto, ficariam a critério dos autores, numa tentativa de equilibrar liberdades autorais e visões indígenas. Por um lado, a liberdade autoral não é sinônimo de uma carta branca para escrever qualquer coisa desvinculada de considerações éticas e de probidade científica, mas, por outro lado, ideias e visões indígenas não são mais corretas *per se* apenas por ser indígenas. Encontrar um caminho aceitável para todas as partes envolvidas entre maneiras diferentes de ver e pensar um mesmo assunto pode ser difícil e espinhoso, e não há receitas com respostas prontas. A ideia simplória de que se precisa apenas da bênção dos ‘nativos’ (sejam quais forem estes) para dar legitimidade a textos científicos é um desserviço tão grande ao trabalho científico que nem há necessidade de debatê-la aqui, como ela pressupõe que exista algum ‘lugar da verdade’ livre de possibilidades legítimas de reflexão relativizadora. Ou seja, ela seria o contrário de antropologia como ciência. A estratégia adotada para esta coletânea, porém, revelou-se como muito positiva, pois as res-

postas, também enviadas por e-mail, mostraram que apenas um texto foi objeto de sugestões de modificações de conteúdo (acatadas, aliás), enquanto no caso de outro foram solicitadas apenas acréscimos formais sem questionar o conteúdo.

O procedimento adotado, aliás, tem pouco a ver com ideias sobre uma antropologia dialógica proposta sobretudo por representantes da antropologia pós-moderna dos anos 80 e 90 do século passado. Como bem observou Gottowik (2004), a apresentação de textos antropológicos a pessoas ou grupos representadas neles antes de sua publicação pode ser meramente uma estratégia providente para evitar eventuais atritos ou dissonâncias futuras. Ela não tem nada a ver com a ideia de construir textos em conjunto com os informantes nativos por diálogos eventualmente reproduzidos nos textos publicados. No caso desta coletânea, no entanto, a função da estratégia adotada não é legitimadora. O motivo principal foi estimular, antes do lançamento, debates sobre os conteúdos dos textos.

Para reforçar esta ideia e, ao mesmo tempo, oferecer alguma forma de retorno aos Fulni-ô, especialmente àqueles residentes na terra indígena em Águas Belas, pela gentileza de fornecer as informações que, afinal de contas, possibilitaram aos autores desta coletânea, de escrever os artigos, optei por um caminho que me parece ser o mais adequado neste caso. Como a própria publicação não tem finalidades comerciais, sendo sua publicação subsidiada com dinheiro público, metade da tiragem será doada a projetos culturais indígenas em Águas Belas, de modo que seja facilitada mais adequadamente a distribuição e divulgação do livro entre aquelas pessoas mais dispostas a debater seus conteúdos.

Os autores desta coletânea estão abertos a receber opiniões, sugestões e críticas, especialmente aquelas que ajudarão a acrescentar aspectos não considerados adequadamente nos textos, para uma futura publicação online. Mensagens podem ser enviadas ao endereço eletrônico <pschroder@uol.com.br>.

Halle (Saale) e Leipzig, Alemanha, agosto de 2010
Hannover, Alemanha, julho de 2011

Bibliografia

- A SITUAÇÃO DAS TERRAS... 1925. *A situação das terras do extinto aldeamento de Ipanema, em Aguas Bellas. Pareceres dos drs. Andrade Bezeira, director do Departamento Estadual do Trabalho e Imigração e João Paes de Carvalho Barros, procurador geral do Estado.* Recife: Rep. de Pub. Officiais.
- AGOSTINHO, Pedro. 2003. Para uma história das técnicas e métodos de demarcação de terras indígenas no Brasil Colonial: o problema da “légua em quadra”. Duas possíveis reconstituições de medição da Missão Jesuítica de São Bernabé, Rio de Janeiro. In VIII Reunião dos Antropólogos do Norte e Nordeste/ VIII ABANNE: *Programa e resumos*, p. 142. São Luís: UFMA.
- ALBUQUERQUE, Áurea Fabiana A. de. 2006. *Socio-economic Development of Indigenous People in Three Different Environments in Pernambuco, Brazil.* (Farming & Rural Systems Economics, 83). Weikersheim: Margraf.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. 1989. *Um sertanejo e o Sertão. Moxotó Brabo. Três Ribeiras: reminiscência e episódios do quotidiano no interior de Pernambuco.* Belo Horizonte: Itatiaia.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. 1988. Terras de Preto, Terras de Santo e Terras de Índio: posse comunal e conflito. *Revista Humanidades*, 15:42-8.
- AQUINO, Rubim Santos Leal de et al. 1990. *História das sociedades americanas.* Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico.
- ARRUTI, José Maurício Andion. 1996. *O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu.* Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ.

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

- _____. 1999. A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no Sertão do São Francisco. In OLIVEIRA, João Pacheco de (org.): *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, pp. 229-77. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- ASCELRAD, Henri; HERCULANO, Serene; PÁDUA, José Augusto. 2004. *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fundação Ford.
- ATHIAS, Renato. 2007. *A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira*. Recife: Editora da UFPE.
- _____. 2007. Saúde, participação e faccionalismo entre os Pankararu. In IDEM (org.): *Povos indígenas de Pernambuco: identidade, diversidade e conflito*, pp. 33-48. Recife: Editora da UFPE.
- BALANDIER, Georges. 1969. *Antropologia política*. Lisboa: Presença.
- BANKS, Markus. 1996. *Ethnicity: Anthropological Constructions*. London and New York: Routledge.
- BARTH, Fredrik. 1998. Grupos étnicos e suas fronteiras. In POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne (org.): *Teorias da etnicidade*, pp. 185-227. São Paulo: Editora UNESP.
- BATISTA, Mércia R. R. 2005. O Toré e a Ciência Truká. In GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.): *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*, 71-98. Recife: FUNDAJ, Massangana.
- BENJAMIN, Walter. 1985. *Magia e técnica, arte e política*. (Obras escolhidas, 1) São Paulo: Brasiliense.
- BOROFKY, Robert et al. 2005. *Yanomami: The Fierce Controversy and What We Can Learn from It*. (California Series in Public Anthropology, 12) Berkeley, Los Angeles: University of California Press.
- BOURDIEU, Pierre. 2004. *O poder simbólico*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1998. *Memória Sertão*. São Paulo: Cone Sul/ Editora UNIUBE.
- BRANNER, John C. 1887. Notes upon a Native Brazilian Language. *Proceedings of the American Association for the Advancement of Science* (Buffalo Meeting, August, 1886), pp. 339-40. New York: Salem.

- _____. 1923. Os Carnijós de Águas Belas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 94, v. 148 (1927):359-65. [tradução do artigo de 1887]
- BRANQUINHO, Fátima. 1999. *Da “química” da erva nos saberes popular e científico*. Tese de doutorado. Campinas: IFCH/UNICAMP.
- BRASILEIRO, Sheila. 1999. “O Toré é coisa só de índio”: mudança religiosa e conflito entre os Kiriri. In CAROSO, Carlos & BACELAR, J. (org.): *Brasil: um país de negros?* Pp. 207-18. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO.
- _____. 1999. Povo indígena Kiriri: emergência étnica, conquista territorial e faccionalismo. In OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (org.): *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, pp. 173-96. (Territórios Sociais, 2) Rio de Janeiro: Contra Capa.
- CAMPOS, Carla Siqueira. 2006. *Os Fulni-ô e suas estratégias de sobrevivência e permanência no território indígena*. Dissertação de mestrado. Recife: PPGA/UFPE.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1976. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1986. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, Edusp.
- _____. 1992. Política indigenista no século XIX. In idem (org.): *História dos índios no Brasil*, pp. 135-54. 2ª edição. São Paulo: FAPESP/ Companhia das Letras.
- CARVALHO, Alfredo de. 1906. Um poeta aventureiro: Elias Herckmans, 1596-1644. *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano*, vol. XII, nº 68:356-64.
- CASAL, Padre Manoel Aires de. 1943 [1816]. *Corographia Brasilica, tomo II*. São Paulo.
- CASIMIR, Michael J. 1990. Der Mensch und seine Territorien: Ein kritischer Überblick über die Literatur der 80er Jahre. *Zeitschrift für Ethnologie*, 115: 159-67.
- _____. 1992. The Dimensions of Territoriality: An Introduction. In CASIMIR, Michael J. & RAO, Aparna (eds.): *Mobility and Territoriality: Social and Spatial Boundaries among Foragers, Fishers, Pastoralists and Peripatetics*, pp. 1-26. Oxford: Berg.

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

- CAVIGNAC, Julie Antoinette. 1999. Festas e penitências no sertão. *Vivência*, 3(1):39-45.
- CLASTRES, Pierre. 2003. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac Naif.
- _____. 2001. *Arqueologia da violência*. São Paulo: Cosac Naif.
- COSTA, F. A. Pereira da. 1983a [1953] *Anais Pernambucanos, II (1591-1634)*. 2ª edição. (Coleção Pernambucana, 2ª fase, 3) Prefácio, aditamentos e correções por Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais.
- _____. 1983b [1953] *Anais Pernambucanos, III (1635-1665)*. 2ª edição. (Coleção Pernambucana, 2ª fase, 4) Prefácio, aditamentos e correções por Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais.
- _____. 1983c [1953] *Anais Pernambucanos, V (1701-1739)*. 2ª edição. (Coleção Pernambucana, 2ª fase, 6) Prefácio, aditamentos e correções por Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais.
- _____. 1984a [1953] *Anais Pernambucanos, VI (1740-1794)*. 2ª edição. (Coleção Pernambucana, 2ª fase, 7) Prefácio, aditamentos e correções por Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais.
- _____. 1984b [1953] *Anais Pernambucanos, VII (1795-1817)*. 2ª edição. (Coleção Pernambucana, 2ª fase, 8) Prefácio, aditamentos e correções por Antônio Gonsalves de Mello. Recife: FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais.
- COSTA, Januacele Francisca da. 1993. *Bilingüismo e atitudes lingüísticas interétnicas: aspectos do contato português – Ya:thê*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE.
- _____. 1999. *Ya:thê, a última língua nativa no Nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfo-sintáticos*. Tese de doutorado. Recife: UFPE.
- COSTA JÚNIOR, Olímpio. 1942. Extintos aldeamentos de índios de Pernambuco. *Revista do Norte* (Recife), série III, nº 1, abril. [sem paginação]
- COUTINHO JR., Walter & MELO, Juliana Gonçalves. 2000. Reflexões sobre a questão fundiária Fulni-ô. In ESPÍRITO SANTO, Marco Antônio do (org.): *Política indigenista: Leste e Nordeste brasileiros*, pp. 57-64. Brasília: FUNAI/DEDOC.

- COUTO, D. Domingos de Loreto. 1902 [1757]. Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 24:1-355.
- _____. 1903 [1757]. Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 25:3-214.
- DÂMASO, Padre Alfredo Pinto. 1931. *Pelos índios: o Serviço de Proteção aos Índios e a tribo dos Carijós no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: SPI.
- DANTAS, Beatriz G. et al. 1992. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.): *História dos índios no Brasil*, pp. 431-56. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- DANTAS, Sérgio Neves. 2002. *Sou Fulni-ô, meu branco*. Tese de doutorado em Ciências Sociais/Antropologia. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais/PUC-SP.
- DRIESEN, Ludwig. 1849. *Leben des Fürsten Moritz von Nassau-Siegen*. Berlin: Verlag der Deckerschen Geheimen Ober-Hofbuchdruckerei.
(disponível em [Google Books](#))
- DOPPLER, Werner. 2000. Farming and Rural Systems: State of the Art in Research and Development. In DOPPLER, Werner & CALATRAVA, J. (eds.): *Technical and Social Systems Approaches for Sustainable Rural Development*, pp. 3-21. Weikersheim: Margraf.
- DURKHEIM, Émile. 1977. *A divisão social do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 1996. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- EHRENREICH, Paul. 1907a. Sobre alguns antigos retratos de índios sul-americanos. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, vol. 12, n° 65:18-46.
- _____. 1907b. Um intérprete dos Tapuias. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, vol. 12, n° 65:75-8.
- ELIADE, Mircea. 1992. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. 1993. *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. (Anthropology, Culture and Society) London: Pluto Press.
- ERLICH, Lílian. 1975. *Jazz: das raízes ao rock*. São Paulo: Cultrix.

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

- FERREIRA, Ivson J. 1996. *Relatório: Grupo Indígena Fulni-ô*. Recife: FUNAI – ADR/Recife. (não publicado)
- _____. 2000. Ruptura e conflito: prática indigenista e a questão da terra entre os Fulni-ô. In ESPÍRITO SANTO, Marco Antônio do (org.): *Política indigenista: Leste e Nordeste brasileiros*, pp. 41-54. Brasília: FUNAI.
- FERREIRA, Lorena de Mello. 2006. *São Miguel de Barreiros: uma aldeia indígena no Império*. Dissertação de mestrado. Recife: PPGH/UFPE. (www.bddt.ufpe.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3387)
- FIALHO, Vânia. 2007. Associativismo, desenvolvimento e mobilização indígena em Pernambuco. In ATHIAS, Renato (org.): *Povos indígenas de Pernambuco: identidade, diversidade e conflito*, pp. 11-31. Recife: Editora da UFPE.
- _____. & SECUNDINO, Marcondes de Araújo. 1999. *História acontecida, história vivida: considerações sobre a incorporação da Fazenda Perú à Terra Fulni-ô*. Recife. [parecer técnico não publicado]
- FISHER, William H. 2000. *Rain Forest Exchanges: Industry and Community on an Amazonian Frontier*. (Smithsonian Series in Ethnographic Inquiry) Washington and London: Smithsonian Institution Press.
- FOTI, Miguel. 1991. *Resistência e segredo: relato de uma experiência de antropólogo com os Fulni-ô*. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB.
- _____. 2000. Uma etnografia para um caso de resistência: o ético e o étnico. In ESPÍRITO SANTO, Marco Antônio do (org.): *Política indigenista: Leste e Nordeste brasileiros*, pp. 75-8. Brasília: FUNAI/ DEDOC.
- GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. 1908. *Dicionário chorográfico, histórico e estatístico de Pernambuco, vol. 1: A – O*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- GEERTZ, Clifford. 1989. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In *A interpretação das culturas*, pp. 13-41. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GIRARD, René. 1990. *A violência e o sagrado*. São Paulo: UNESP/Paz e Terra.
- GODOI, Emília Pietrafesa. 1998. O sistema do lugar: história, território e memória no Sertão. In NIEMEYER, Ana Maria de & GODOI, Emília Pietrafesa (org.): *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*, pp. 97-131. Campinas: Mercado de Letras.

- GOTTOWIK, Volker. 2004. Clifford Geertz in der Kritik: Ein Versuch, seinen Hahnenkampf-Essay "aus der Perspektive der Einheimischen" zu verstehen. *Anthropos*, 99(1):207-15.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. 1993. 'Regime de Índio' e faccionalismo: os *Atikum da Serra do Umã*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- HERCKMANS, Elias. 1982. *Descrição geral da capitania da Paraíba*. João Pessoa: A União.
- HERNÁNDEZ DIAZ, Jorge. 1983. *Os Fulni-ô: relações interétnicas e de classe em Águas Belas*. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB.
- HILLMAN, James. 1997. *O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HOHENTHAL JÚNIOR, W. D. 1960. *As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco*. Revista do Museu Paulista, 12.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 1987. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. 1ª edição, 2ª impressão. Rio de Janeiro: Fundação IBGE/ Fundação Nacional Pró-Memória.
- Idéia da População... 1923[1918]. *Idéia da População da Capitania de Pernambuco e de suas anexas* (desde o ano de 1774 em que tomou posse do Governo das mesmas Capitanias o Governador e Capitão General José César de Meneses). [autor desconhecido] *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 40, 1923 [1918], Oficinas de Artes Graphicas da Biblioteca Nacional.
- INGOLD, Tim. 1996. Human Worlds Are Culturally Constructed: Against the Motion. In INGOLD, Tim (ed.): *Key Debates in Anthropology*, pp. 112-7. London, New York: Routledge.
- INGOLD, Tim; RICHES, David; WOODBURN, James. 1991. *Hunters and Gatherers*. New York: Berg/ St. Martin's Press.
- JACOBINA, Alberto. 1927. *Relatório sobre os trabalhos realizados nos anos de 1925 e 1926, na Inspeção do Estado de Pernambuco*. (maio de 1927; microfilmado, Museu do Índio/FUNAI)
- JENKINS, Richard. 1997. *Rethinking Ethnicity: Arguments and Explorations*. London etc.: Sage.

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

- KELLY, Robert L. 1995. *The Foraging Spectrum: Diversity on Hunter-Gatherer Life-Ways*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- LAPENDA, Geraldo. 1968. *Estrutura da língua Yatê, falada pelos índios Fulniôs em Pernambuco*. Recife: Imprensa Universitária.
- LEE, Richard B. & DALY, Richard H. (eds.). 1999. *The Cambridge Encyclopedia of Hunters and Gatherers*. New York: Cambridge University Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970a. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP.
- _____. 1970b. *Antropologia estrutural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. 1983. *História de Lince*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 1993. *Antropologia estrutural dois*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LINHARES, Lucy Paixão. 1998. Ação discriminatória: terras indígenas como terras públicas. In OLIVEIRA, João Pacheco de (org.): *Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- MACKENZIE, Norman. 1973. *Sociedades secretas*. Madrid: Alianza.
- MARCGRAVE, George & PISO, Willem. 1648. *Historia Naturalis Brasiliae... in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Lugdun. Batavorum, apud Franciscus Hackium et Amstelodami apud Lud. Elzevirium. (http://biblio.etnolinguistica.org/marcgrave_1648_historia)
- MARÉS DE SOUZA FILHO, Carlos Frederico. 2002. As novas questões jurídicas nas relações dos Estados nacionais com os índios. In SOUZA LIMA, Antônio Carlos de & BARROSO-HOFFMANN, Maria (org.): *Além da tutela: bases para uma nova política indigenista III*, pp. 49-61. (Territórios Sociais, 8) Rio de Janeiro: Contra Capa/ LACED.
- MARTÍNEZ ALIER, Joan. 2007. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. São Paulo: Contexto.
- MAURER, Martin. 1999. *Dynamics and Potential of Farming Systems in the Marginal Areas of Jordan*. (Farming Systems and Resource Economics in the Tropics, 32) Kiel: Wissenschaftsverlag Vauk.

- MELAND, Douglas. 1968. *Fulni-ô Grammar*. (Arquivo Lingüístico, 26) Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- MELAND, Douglas & MELAND, Doris. 1967. *Fulni-ô (Yabthe) Phonology Statement*. (Arquivo Lingüístico, 25) Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- _____. 1968. *Word and Morpheme List of the Fulni-ô Indian Language*. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- MELO, Mario. 1929. Os Carnijós de Águas Belas. *Revista do Museu Paulista*, 16: 793-846.
- _____. 1930. Os Carnijós de Águas Belas. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, 29 (135-142):179-227.
- MENDES JÚNIOR, João. 1912. *Os indígenas do Brasil, seus direitos individuais e políticos*. São Paulo: Hennes Irmãos.
- MENEZES, Claudia. 1993. *Relatório de viagem: Posto Indígena Fulni-ô*. s/l: FUNAI.
- MORÁN, Emílio F. 1990. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. 2002. Terras indígenas do Espírito Santo sob o regime territorial de 1850. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 43:153-69.
- MORIN, Edgar. 1996. A noção de sujeito. In SCHITMAN, Dora Fried (org.): *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 54-6. Porto Alegre: Artes Médicas.
- NASCIMENTO, Romério H. Zeferino. 1998. *Aspectos musicais no Tolê Fulni-ô: evidenciando a identidade étnica*. Dissertação de mestrado. Salvador: Escola de Música/UFBA.
- NETTL, Bruno. 1966. Relating the Present to the Past: Thoughts on the Study of Musical Change and Culture Change in Ethnomusicology. *Ethnomusicology – Journal of Musical Anthropology of the Mediterranean*, 1. (www.muspe.unibo.it/period/MA/index/number1/nettl1/ne1.htm; acesso em 10/03/07)
- NIMUENDAJU, Curt. Carta para Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional. Recife, 12/10/1934. Fundação Gilberto Freyre (GF/ CR 140).
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 1998. Paisagem Bororo – de terra a território. In NIEMEYER, Ana Maria de & GODOI, Emília Pietrafesa (org.): *Além*

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos, pp. 229-50. Campinas: Mercado de Letras.

OLIVEIRA, João Pacheco de. 1993. “A viagem da volta”: reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas do Nordeste. In Projeto Estudo sobre Terras Indígenas no Brasil (PETI): *Atlas das terras indígenas do Nordeste*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ.

_____. 1999. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In OLIVEIRA, João Pacheco de (org.): *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, pp. 11-39. Rio de Janeiro: Contra Capa.

_____. 2004. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In OLIVEIRA, João Pacheco de (org.): *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, pp. 13-42. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa.

_____. 2006. Una etnografía de las tierras indígenas: procedimientos administrativos y procesos políticos. In OLIVEIRA, João Pacheco de (comp.): *Hacia una antropología del indigenismo: estudios críticos sobre los procesos de dominación y las perspectivas políticas actuales de los indígenas en Brasil*, pp. 15-49. Rio de Janeiro: Contra Capa; Lima: Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.

OLIVEIRA, Paulo Celso. 2008. Gestão territorial indígena: perspectivas e alcances. In ATHIAS, Renato Monteiro & PAHIM PINTO, Regina (org.): *Estudos indígenas: comparações, interpretações e políticas*, pp. 175-91. (Série Justiça e Desenvolvimento) São Paulo: Contexto.

PÁDUA, José Augusto. 2004. Desenvolvimento e meio ambiente no Brasil. In MOSER, Claudio & RECH, Daniel (org.): *Direitos humanos no Brasil: diagnóstico e perspectivas*, pp. 47-69. 2ª. ed. (Coletânea Ceris) Rio de Janeiro: CERIS, Mauad.

PANTER-BRICK, Catherine; LAYTON, Robert; ROWLEY-CONWAY, Peter (eds.). 2001. *Hunter-Gatherers: An Interdisciplinary Perspective*. (Bio-social Society Symposium Series) Cambridge etc.: Cambridge University Press.

PERES, Sidnei Clemente. 1992. *Arrendamentos de terras indígenas: análises de alguns modelos de ação indigenista no Nordeste (1910-1960)*. (Dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ.

- _____. 1999. Terras indígenas e ação indigenista no Nordeste (1910-67). In OLIVEIRA, João Pacheco de (org.): *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, pp. 41-90. (Territórios Sociais, 2) Rio de Janeiro: Contra Capa.
- _____. 2000. O arrendamento como uma forma de mediação de conflitos agrários: o SPI e os Fulni-ô de Águas Belas. In ESPÍRITO SANTO, Marco Antônio do (org.): *Política indigenista: Leste e Nordeste brasileiros*, pp. 67-71. Brasília: FUNAI/DEDOC.
- PINTO, Estevão. 1956. *Etnologia brasileira: Fulniô – os últimos tapuias*. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª; Brasiliana, 285) São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- POLLAK, Michael. 1989. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3: 3-15.
- _____. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10: 1-15.
- POMPEU SOBRINHO, Theodor. 1935. Índios Fulniôs: Karnijós de Pernambuco. *Revista do Instituto do Ceará*, 49:31-58.
- _____. 1939. Tapuias do Nordeste. *Revista do Instituto do Ceará*, 53:221-35.
- PRANEETVATAKUL, Suwanna. 1996. *Economic and Environmental Implications of Wood Energy Resources: An Application of Farming and Rural Systems Approaches in Northern Thailand*. (Farming Systems and Resource Economics in the Tropics, 26) Kiel: Wissenschaftsverlag Vauk.
- QUIRINO, Eliana Gomes. 2006. *Memória e cultura: os Fulni-ô afirmando identidade étnica*. Dissertação de mestrado. Natal: UFRN.
- REESINK, Edwin. 2000. O segredo do sagrado: o Toré entre os índios no Nordeste. In ALMEIDA, Luiz Sávio; GALINDO, Marcos; ELIAS, Juliana Lopes (orgs.): *Índios do Nordeste: temas e problemas, II* pp. 359-405. Maceió: EDUFAL.
- _____. s/d. *A jurema, enteógeno e ritual na história dos povos indígenas no Nordeste*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA.
- REGASSA, S. 2002. *The Economics of Managing Land Resources towards Sustainability in the Highlands of Ethiopia*. (Farming and Rural Systems Economics, 42) Weikersheim: Margraf.

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

- RIBEIRO, Darcy. 1970. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RIOS, Aurélio Veiga. 2002. Terras indígenas no Brasil: definição, reconhecimento e novas formas de aquisição. In SOUZA LIMA, Antônio Carlos de & BARROSO-HOFFMANN, Maria (orgs.): *Além da tutela: bases para uma nova política indigenista III*, pp. 63-81. (Territórios Sociais, 8) Rio de Janeiro: Contra Capa/ LACED.
- ROCHA, José Maria Tenório. 1992. *O silêncio conivente: Estevão Pinto, etnólogo. Trajetória intelectual e opções teóricas*. Dissertação de mestrado. Recife: PPGA/UFPE.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- SAMPAIO, Theodoro. 1904. As etymologias indígenas de Elias Herckman. *Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Pernambucano*, vol. XI, nº 60: 30-6.
- SANTOS, Ana Flávia Moreira. 2003. A história “tá é ali”: sítios arqueológicos e etnicidade. In SANTOS, Ana Flávia Moreira & OLIVEIRA, João Pacheco de: *Reconhecimento étnico em exame: dois estudos sobre os Caxixó*, pp. 13-137. (Territórios Sociais, 9) Rio de Janeiro: Contra Capa/ LACED.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda. 2003. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 46: 1-15.
- SCHURÉ, Édouard (s/d) *Os grandes iniciados: esboço da história secreta das religiões*. 2º tomo, 2ª edição. Lisboa: Elos.
- SCHWEITZER, Peter P.; BIESELE, Megan; HITCHCOCK, Robert K. (eds.). 2000. *Hunters and Gatherers in the Modern World: Conflict, Resistance, and Self-Determination*. New York, Oxford: Berghahn.
- SECUNDINO, Marcondes de Araújo. 2000. *Tramas e conexões no campo político intersocietário Fulni-ô*. Dissertação de mestrado. Recife: PPGS/ UFPE.
- _____. 2003. Dialética da redemocratização e etnogênese: emergências das identidades indígenas no Nordeste contemporâneo. *Revista ANTROPOLÓGICAS*, 14(1 e 2):161-84.

- _____. 2007. Voto indígena e representação política entre os Fulni-ô na década de 1990. In ATHIAS, Renato (org.): *Povos indígenas de Pernambuco: identidade, diversidade e conflito*, pp. 87-112. Recife: Editora da UFPE.
- SILVA, Dagoberto de Castro e. [1922?]. *Relatório referente às terras ocupadas pelos índios Potiguara na Babia da Traição, município de Mamanguape/PB, e visita aos índios Carijó*. (microfilmado; Museu do Índio/FUNAI)
- SILVA, Edson. 2005. Memórias Xukuru e Fulni-ô da Guerra do Paraguai. *Ciências Humanas em Revista*, v.3, n. 2:51-8.
- SILVA, José Afonso da. 1993. Terras tradicionalmente ocupadas pelos índios. In SANTILLI, Juliana (ed.): *Os direitos indígenas e a Constituição*, pp. 45-51. Brasília: Núcleo de Direitos Indígenas; Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris.
- SILVANO, Filomena. 2001. *Antropologia do espaço: uma introdução*. 2ª edição. Oeiras: Celta.
- SIMMEL, Georg. 1983. O estrangeiro. In MORAIS FILHO, Evaristo de (org.): *Simmel: Sociologia*, pp. 182-8. São Paulo: Ática.
- SOUSA FILHO, Alípio. 2001. *Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. 2005. A identificação como categoria histórica. In SOUZA LIMA, Antonio Carlos de & BARRETTO FILHO, Henyo Trindade: *Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002*, pp. 29-73. Rio de Janeiro: Contra Capa / LACED / CNPq / FAPERJ / IIEB.
- SULLIVAN, L. 1988. *Icanchu's Drums: An Orientation to Meaning in South American Religions*. New York: Macmillan.
- VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. 1993. *Terra, tradição e etnicidade: os Tremembé do Ceará*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
- _____. 2004. Experiência e semântica entre os Tremembé do Ceará. In OLIVEIRA, João Pacheco de (org.): *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*, pp. 281-341. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- VASCONCELOS, Sanelva de. 1962. *Os Cardosos das Águas Belas: estudo histórico, geográfico, sociológico e estatístico das Águas Belas e genealógico do seu fundador*. Recife: Arquivo Público Estadual.

Cultura, identidade e território no Nordeste indígena

- VIANNA, Tubal Fialho. 1945. *Relatório dos trabalhos executados no P.I. Gal. Dantas Barreto, sob a direção do encarregado Tubal Fialho Vianna, durante o ano de 1944*. Águas Belas, 13/01/1945. (microfilmado, Museu do Índio/FUNAI)
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2(2):115-44.
- WISNIK, José Miguel. 1989. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras.

Os autores

Áurea Fabiana A. de Albuquerque Gerum

Graduação em Ciências Econômicas pela UFPE (1995), mestrado em Economia pela UFPE (1999) e doutorado em Economia Agrícola (Dr. Sc. Agr.) pela Universität Hohenheim, Stuttgart, Alemanha (2006). Atualmente é pesquisadora da Embrapa – Mandioca e Fruticultura, atuando principalmente nas áreas de economia agrícola, análise de rentabilidade de sistemas agropecuários e avaliação de impactos socioeconômicos e ambientais. E-mail: aurea_de_albuquerque@yahoo.de

Carla Siqueira Campos

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (2000), especialização em Análise e Avaliação Ambiental pela PUC-RJ (2002), mestrado em Antropologia pela UFPE (2006). Atualmente é doutoranda em Planejamento Urbano e Regional na UFRJ. E-mail: carla06_dh@hotmail.com

Eliana Gomes Quirino

Licenciatura em Ciências Sociais pela UFCG (2001), bacharelado em Ciências Sociais pela mesma instituição (2006), mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN (2006). Eliana faleceu na noite de 16 de outubro de 2011 em sua residência em Campina Grande (PB).

Miguel Foti

Mestre em Antropologia pela UnB (1991). Funcionário da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e atualmente antropólogo da Coordenação Geral de Identificação e Delimitação (CGID) da Funai/Brasília. E-mail: miguel.foti@funasa.gov.br

Peter Schröder

Formado em Antropologia (Etnologia) pela Philipps-Universität Marburg, pela Universität zu Köln (Magister Artium em 1988) e pela Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn (Dr.phil. em 1993). Professor do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da UFPE. E-mail: pschroder@uol.com.br

Sérgio Neves Dantas

Graduação em Engenharia pela UFRJ (1983), mestrado em Ciências (Antropologia Social) pelo Dartmouth College, NH, EUA e pela USP (1995) e doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP (2002). Atualmente é professor na UFCG. E-mail: snowdantas@gamil.com

Werner Doppler

Chefe do Departamento “Farming and Rural Systems in the Tropics and Subtropics”, Universidade de Hohenheim, Stuttgart, Alemanha. E-mail: Doppler@uni-hohenheim.de

Wilke Torres de Melo

Indígena do povo Fulni-ô, nasceu em Águas Belas. Graduação em Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia, pela UFRPE (2008). Está realizando pesquisa de dissertação sobre o tema “Instituições e organizações indígenas: estudo do sistema político Fulni-ô”. E-mail: wilkemelo@yahoo.com.br